

A TERRITORIALIDADE E A LUSOFONIA NA CRIAÇÃO LITERÁRIA DE AGOSTINHO NETO E ANTÓNIO JACINTO¹

Luís Fernando da Rosa Marozo²
Yanna Karlla Gontijo³

RESUMO

Agostinho Neto e António Jacinto, ambos angolanos, utilizaram-se da criação literária como instrumento de conscientização cultural. Seus poemas denunciam a opressão econômica, política e social que sofre a antiga colônia portuguesa e revelam a necessidade de desenvolvimento de uma consciência crítica. Essa consciência, entretanto, para Agostinho não se restringe apenas ao espaço Angolano, mas sim à África e às Américas, onde estão seus “irmãos de cor” e de sofrimento; enquanto António Jacinto busca o elemento de identificação nacional em relação à natureza física. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a ideia de angolanidade, na produção dos escritores Agostinho Neto e António Jacinto tendo o uso da língua portuguesa como instrumento de diferentes estratégias para a representação das identidades pós-colonial, pois enquanto o primeiro utiliza o português sem o acréscimo de vocábulos regionais, o segundo procura inserir em sua poesia termos que remetam a dialetos locais.

Palavras-chave: Angolanidade. Língua portuguesa. Agostinho Neto. António Jacinto.

ABSTRACT

Agostinho Neto and António Jacinto, both Angolans, used the literary creation as an awareness cultural instrument. Their poems expose the economic, political and social oppression suffered by the former Portuguese colony and unmask the requirement of building a critical conscience. This conscience, however, to Agostinho, doesn't restrict itself just into Angolan space, but to Africa and America, where his “brother of color” and suffering are; while António Jacinto looks for the element of national identification regarding the physical nature. In this sense, the following article aims to reflect about the idea of Angolanity, in Agostinho Neto and António Jacinto's production, which use the Portuguese language as a tool that has different strategies to represent the post-colonial identities, while the first uses the Portuguese without increasing regional words, the second seeks to insert into his poetry terms which refer local dialects.

Keywords: Angolanity. Portuguese language. Agostinho Neto. António Jacinto.

¹ Esse trabalho é resultado dos estudos do grupo de pesquisa “Discursos literários das nações africanas” coordenado pelo Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo com a colaboração do Prof. Ms. Gustavo Henrique Rückert.

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa. E-mail: luis.marozo@gmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande. Email: yannakarlla1@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Stuart Hall (2001) propõe três concepções de identidades: a do sujeito iluminista, século XVII e XVIII; a do sujeito sociológico, século XIX; e a do sujeito pós-moderno, século XX e XXI. A noção nacionalista vinculada à perspectiva do século XIX está ligada a um sujeito sociológico e se contrapõe à Cosmovisão Iluminista, na qual o Homem era visto a partir de uma universalidade e impessoalidade, não na sua especificidade local. Essa perspectiva sociológica marca uma abordagem romântica na qual boa parte das literaturas de países europeus e dos estados pós-coloniais reforçou o que seria relativo, específico a cada povo, região e cultura. Na Europa, os países procuravam criar uma cultura local buscando na Idade Média índices culturais como a língua, o território, a religião, etc que possibilitassem instituir uma genealogia para as jovens nações.

Entender a construção das identidades das colônias portuguesas na África é diferente de entender como ocorreu esse processo no Brasil, cuja independência se deu no século XIX. Ocorre que as independências das nações africanas são posteriores a “Revolução dos Cravos” e consequentemente remetem a um período histórico no qual podemos denominar de pós-moderno. Hall (2001) explica que no século XX as identidades possuem uma construção provisória e mais aberta, diferentemente da construção do sujeito do Iluminismo e do sujeito do Romantismo, cujas identidades apresentavam-se de modo fixo, essencial ou permanente. Essas identidades entendidas como plena, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ainda defende que a identidade não é definida pelo gene, mas sim no interior da representação. Essa transitoriedade pode ser entendida a partir do reconhecimento, como defende Ortiz, de que toda identidade é uma construção imaginária, pois “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais, em diferentes momentos históricos.” (ORTIZ, 2006, p. 8).

Diferentemente do Brasil que teve sua independência a partir de uma visão sociológica, na qual os escritores utilizaram a figura do índio como sendo o “verdadeiro” brasileiro; os autores africanos apresentam a conscientização da diferença, ou seja, do reconhecimento da heterogeneidade cultural,

pois seu surgimento se dá numa tensão entre os paradigmas da metrópole e da colônia. Nesse âmbito, os estudos de Boaventura Souza Santos esclarecem uma perspectiva relevante para refletir sobre o modelo de colonização portuguesa. Santos (2002) defende a especificidade do modelo colonial português a partir de três hipóteses: a primeira, social, é que a hibridez e a ambiguidade entre colonizador e colonizado não é uma reivindicação pós-colonial, mas uma prática portuguesa do próprio processo colonizador; a segunda diferença, antropológica, está no fato de que o crítico pós-colonial reivindica o corpo como um espaço, assim o mulato seria o espaço intervalar. Como o modelo português se deu por assimilação, a questão racial, sob a forma da cor da pele, é trivial. A terceira diferença, econômica, é que Portugal é centro em relação às colônias, mas periférico em relação ao colonialismo britânico.

O que esse teórico demonstra é que a dupla ambivalência das representações (Portugal/ Colônias; Portugal/ Europa) afeta a identidade do colonizador e consequentemente a do colonizado. Entendemos, portanto, que tais características interferem nas representações estéticas e ideológicas. Nesse sentido, o presente trabalho busca perceber as identidades “imaginadas” na escrita de Agostinho Neto e Antonio Jacinto no processo de conscientização cultural e na construção da angolanidade, destacando a questão do uso da língua portuguesa em relação com o território. Essa ideia aponta para a diferença não apenas em relação ao continente africano, mas também em relação aos países de língua portuguesa, mais especificamente o caso de Angola.

Segundo Jose Venâncio (1992, p. 23) “o processo de desalienação das elites urbanas na África lusófona tem fundamentalmente lugar em três centros urbanos: Mindelo, Lisboa e Luanda.” Essa diferença encontra respaldo no fato de que as consequências e as reações à colonização não aconteceram, igualmente, em todos os países colonizados. Desse modo, encontramos particularidades no discurso literário produzidos em cada um dos países que vivenciaram esse processo, bem como dentro do mesmo país.

Focaremos, aqui, no grupo de Luanda representado por Antonio Jacinto e no grupo de Lisboa representado por Agostinho Neto. Venâncio em relação a esses grupos, diz que

Enquanto o grupo de Lisboa, formado por intelectuais oriundos de outras colônias, para além de Angola (exceptuando Cabo Verde), se sentirá bastante ligado ao pan-africanismo, por um lado, e ao movimento Negritude, com sede em Paris, pelo outro, o grupo de Luanda, de motivações políticas mais concretas, circunscrito ao espaço político de Angola, sentir-se-á mais ligado ao modernismo brasileiro e porventura [via Castro Soromenho?] ao neo-realismo português (VENÂNCIO, 1992, p. 19).

Para exemplificar esses traços na construção da angolanidade, utilizaremos os aspectos linguísticos e os aspectos territoriais em poemas de António Jacinto e de Agostinho Neto, ambos situados no espaço Angolano. Por angolanidade entendemos

conceito que apresenta paridade com o de cabo-verdianidade, entendo o resultado da maneira muito específica de os intelectuais angolanos, a começar pelos «Novos Intelectuais»..., de os dirigentes políticos, apreenderem o espaço geopolítico herdado do colonialismo e a consequente predisposição de o quererem transformar em espaço nacional por meio da sua (des)alienação em relação às sociedades periféricas, às sociedades tradicionais (VENÂNCIO, 1992, p. 21).

Existe um elo entre os dois poetas, pois ambos lutaram pela independência de Angola e ocuparam cargos representativos na nova nação. António Jacinto, cujo nome completo é António Jacinto do Amaral Martins, nasceu em Luanda em 1924 e faleceu em 1991. Destacou-se como poeta e contista da geração *Mensagem* e foi preso no campo de concentração do Tarrafal, Cabo Verde, onde cumpriu pena de 1960 a 1972, em consequência de seus envolvimento políticos. Neste ano, foi transferido para Lisboa, em regime de liberdade condicional. Fugiu em 1973 e foi integrar a luta pela independência de Angola, participando das frentes militantes do MPLA. Após a independência foi Ministro da Educação e Secretário de Estado da Cultura de Angola, co-fundador da União dos Escritores Angolanos, membro do Movimento de Novos Intelectuais de Angola.

António Agostinho Neto, por sua vez, nasceu em Icola e Bengo em 1922 e faleceu em Moscovo em 1979. Estudou medicina em Portugal e fez parte da geração de estudantes africanos que viria a

desempenhar um papel decisivo na independência dos seus países naquela que ficou designada como a Guerra Colonial Portuguesa. Em Lisboa, Agostinho Neto, de parceria com Amílcar Cabral, Mário de Andrade, Marcelino dos Santos e Francisco José Tenreiro fundam, clandestinamente, o Centro de estudos Africanos, que tinham finalidades culturais e políticas orientadas para a afirmação da nacionalidade africana. Foi preso pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a polícia política do regime Salazarista então vigente em Portugal, e deportado para o Tarrafal, sendo-lhe depois fixada residência em Portugal, de onde fugiu para o exílio. Assumiu a direção do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), do qual já era presidente honorário desde 1962; foi o primeiro presidente da nova república e membro fundador da União dos Escritores Angolanos, criada em 10 de Dezembro de 1975. Foi o primeiro Reitor da Universidade Agostinho Neto e Presidente da Assembleia Geral da União dos Escritores Angolanos, cargo que desempenhou até a data do seu falecimento.

Agostinho Neto e António Jacinto utilizaram-se da criação literária como instrumento de conscientização cultural. Suas produções mostram uma forma de reação contra a opressão econômica, política e social, ao mesmo tempo em que revela a necessidade de desenvolvimento de uma consciência. Essa consciência, entretanto, para Agostinho não se restringe apenas ao espaço Angolano, mas sim à África e às Américas, onde estão seus “irmãos de cor”; enquanto António Jacinto busca o elemento de identificação nacional em relação à natureza física.

2 AGOSTINHO NETO

Agostinho Neto, no poema “Voz do Sangue” deixa claro a identificação pela cor da pele e não pela nacionalidade: “Ó negro de África/ negros de todo o mundo”. Aqui, a expressão “de todo o mundo” nos direciona a um processo identitário que transcende o conceito de território material. Haesbert (2005, p. 1) explica que “desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de tэрreo-territor (terror-terrorizar).[...]”. Portanto, território refere-se tanto ao espaço político e nacional quanto ao espaço cultural que rompe com as limitações físicas.

O mesmo sentido está presente no poema “Aspiração”, no qual o elo está no sentimento de libertação, independente do espaço territorial em que “as pessoas” se encontrem. “*Ainda o meu canto dolente/e a minha tristeza/ no Congo, na Geórgia, no Amazonas*”. Essa dispersão também é demonstrada em “Voz do Sangue”: *Ó negro esfarrapado do Harlem/ ó dançarino de Chicago/ ó negro servidor do South*.

A partir desses poemas é possível perceber que Agostinho Neto trata de “múltiplos territórios”, no conceito defendido por Haesbert (2005), ou seja, o poeta apresenta uma multiplicidade de espaços físicos (sentido material) distintos, como os destacados em negrito, que partilham de uma mesma situação social (sentido simbólico). Assim, a tristeza e o canto dolente do eu-lírico está em sintonia com os sujeitos de outras partes do mundo que vivem a situação periférica.

Em “Noite” o eu-lírico não especifica o espaço angolano, mas um espaço periférico que pode ser encontrado em qualquer país cujo desenvolvimento social é precário:

Eu Vivo
Nos bairros escuros do mundo
Sem luz nem vida

A referência são os bairros do mundo onde as pessoas não vivem, sobrevivem. O título do poema reforça a ideia, pois a noite é escura em todos os lugares, uma relação direta com a cor da pele. O poema denuncia a situação marginalizada do negro no mundo como fica evidente no último verso através do advérbio “também” que expressa a condição de equivalência ou similitude entre a cor da pele, a situação social e o momento do dia: “*Também a noite é escura*”.

Agostinho Neto tem essa postura, pois está ligado ao grupo de Lisboa, formado por intelectuais oriundos de outras colônias, além de Angola, e nessa medida sentir-se-á ligado ao pan-africanismo, por um lado, e ao movimento Negritude, com sede em Paris. Essa característica fica latente em “Bamako” cuja epígrafe esclarece: “*Depois de uma conferência pan-africana em Bamako*”. Datado de 1954, a anáfora “Bamako!”, repetida no início de cinco das sete estrofes do poema, refere-se a capital do Mali, onde houve a conferência na qual muitos chefes de Estado de países asiáticos e africanos que haviam

conquistado recentemente sua independência da Europa decidiram se reunir para pressionar o mundo pelo fim da colonização de seus vizinhos de continente. Esse evento é muito representativo porque marca o combate que os africanos travaram para sair da colonização e da escravidão. No poema, após o substantivo próprio “Bamako”, há advérbio de lugar “ali” que aponta para um espaço cosmogônico onde se deu o início de uma mudança:

Bamako!
ali nasce a vida
e cresce
e desenvolve em nós fogueiras impacientes
de bondade

Bamako!
ali estão nossos braços
ali soam nossas vozes
ali o brilho de esperança dos nossos olhos
se transforma imenso numa força
irrepreensível
da amizade
secas as lágrimas choradas nos séculos
na África escrava de outros dias
(...)

Bamako!
fruto vivo da África
de futuro germinado nas artérias vivas de
África
(...)

Bamako!
ali venceremos a morte
e o futuro cresce – cresce em nós
na força irresistível do natural e da vida
connosco viva em Bamako.

A mensagem do poema remete à necessidade de continuar a luta para que aquele momento não se interrompa, pois os esforços de igualdade e solidariedade devem refundar a ideia de união para construir outro mundo. Nesse sentido, para Agostinho Neto não importa o espaço territorial, no sentido material do termo, pois para o eu-lírico o importante é a união de todos aqueles que compartilham do mesmo sofrimento de aprisionamento cultural.

Em “Aspiração” quando o eu-lírico declara: “*Ainda o meu canto dolente/e a minha tristeza/ no Congo, na Geórgia, no Amazonas*”; o advérbio “ainda” reforça o caráter de esperança expresso pelo poema. O africano encontra-se neste poema

disperso em todo mundo, não apenas em Angola ou no continente africano. A angústia e a tentativa de se fazer ouvir por todos são reforçadas pela sinestesia tanto visual como auditiva:

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado

Esse caráter “universal”, cuja identificação se dá marcadamente pela cor da pele e pela condição social, se estende ao corpo linguístico, pois Agostinho Neto se apropria da língua do “outro” para manifestar a condição periférica do negro em relação às condições de vida sub-humana.

3 ANTÓNIO JACINTO

António Jacinto terá uma atitude diferente em relação à linguagem, pois sua poesia metaforiza em si a hibridez da configuração colonial portuguesa. Em “Alienação” explicita o sentimento de aprisionamento da expressão diante do colonizador. É possível observar um cenário de instabilidade e indecisão, no qual o eu-lírico não possui os meios de propagar seus sentimentos:

Eu ainda não sei nem posso escrever o
meu poema
o grande poema que sinto já circular em
mim

É possível apreender a estratégia perversamente instituída pelo colonizador que processou e instituiu no interior do instrumento comunicativo seus valores e sua cultura. O sentimento interior não se traduz em poema, pois a passagem do interior para o exterior sofrerá perdas. Entretanto, o eu-lírico expressa sua denúncia apropriando do português, porém com a inserção de palavras que remetem aos dialetos locais, tais como “*tué tué tué trr arrimbuim puim puim*”, “*monangambééé*”, o que evidencia uma estratégia de transformação nativizante para nomear seu espaço, indício de reação contra a hegemonia do colonizador que buscou “civilizar” as colônias, primeiramente, por meio da linguagem. Os termos que pertencem no dialeto local aparecem sempre entre aspas, o que pode nos remeter a uma interpretação de que não é algo totalmente aceito,

com significado relativo e restrito a um espaço territorial físico.

Neste sentido, existe uma tentativa de conciliar a língua do outro ao meu espaço para que seja possível a tradução e exteriorização do sentimento interior: “*o meu poema sou eu-branco/ montado em mim-preto*”, ou seja, “o desvio ao padrão linguístico do português como necessidade de dar expressão a um mundo semântico diferente, a uma dimensão cultural angolana.” (VENÂNCIO, 1992, p. 30).

Em “Carta dum contratado” a alienação cultural que direciona os povos colonizados ou recém-independentes a uma dependência política e econômica retorna como denúncia. O eu-lírico demonstra, poeticamente, os problemas que essa alienação causa ao sujeito, pois como diz:

Eu queria escrever-te uma carta...
Mas, ah, meu amor, eu não sei
compreender
por que é, por que é, por que é, meu bem
que tu não sabes ler
e eu - Oh! Desespero - não sei escrever
também!

Os versos acima apontam para a importância da escrita para construção de uma identidade. Apesar de o poema tratar da impossibilidade do eu-lírico de comunicar-se com sua amada pelo motivo de ambos não dominarem o código escrito, o que fica implícito é o desespero desse sujeito que procura exteriorizar seus sentimentos, mas não conseguirá preencher a distância que os separa porque não aprendeu a ler nem a escrever. O poema sugere que o eu-lírico está oralizando seus sentimentos e que alguém registrou essa experiência potencialmente simbólica.

Ana Mafalda Leite (2003) defende que a avaliação e o valor da literatura pós-colonial tem que ser diferente das apreciações que, secularmente, evocam a pertença a uma tradição escrita. Ela argumenta que é necessário reconhecer traços de modelos que são específicos do que chamará de oratura, ou seja, literaturas que não possuíam o código escrito e se incorporarão à escrita portuguesa. A intersecção entre a tradição escrita e uma tradição oral produzirá uma transculturação, uma identidade híbrida. Nesse sentido, “Carta dum contratado” não remete somente a um problema individual, mas representa essa identidade transcultural no qual o sentimento expressado oralmente é reconhecido como poético por alguém que domina o código escrito.

Em relação à representação da nação o poema sugere a impossibilidade dos contratados de escrever a sua própria história, cabendo essa empresa aos que dominam o código escrito. Os escritores terão então a função de traduzir esse sentimento de desespero, pela ausência de voz, para aqueles que não conhecem tal realidade. O poema trata da questão da linguagem como reivindicação formal e resultante não só da pertença a uma tradição cultural, parcialmente silenciada, como também da necessidade de criação de estratégias de apropriação do conhecimento do outro para expressar meu mundo. Assim, é necessário ao mesmo tempo reconhecer, mas também subverter a linguagem do colonizador na busca por uma identidade mais especificamente angolana.

Tal assertiva se comprova, pois António Jacinto restringe-se ao espaço físico da África, mais especificamente, a Angola. Em “Carta dum contratado” o território não é mencionado, mas é possível delimitá-lo pelos elementos naturais descritos. Encontramos animais, frutos e vegetação que mostram a diversidade da flora e da fauna angolana: “*tacula*”, “*onça*”, “*jambos*”, “*capôpa*”, “*Kilombo*”, “*hienas*”, “*dilôa*”, “*maboque*”, “*macongue*”. Essa atitude aproxima António Jacinto dos modernistas brasileiros. Oswald de Andrade, por exemplo, propõe em seu “Manifesto Antropofágico” e no livro “Pau-Brasil” uma literatura vinculada à realidade brasileira, a partir de uma redescoberta do Brasil. Em relação à linguagem procura abolir os arcaísmos e a erudição, criar neologismos e inserir a contribuição milionária de todos os “erros” da fala coloquial. Oswald utiliza o modo como falamos e o nosso espaço.

O angolano também busca o seu espaço e a influência da oralidade para criar sua poesia. Em “Carta dum contratado” a “pessoa” amada, a qual o eu-lírico tenta escrever, pode em alguns fragmentos ser compreendida como metáfora da própria terra (território). Como por exemplo:

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
uma carta que dissesse
deste anseio
de te ver
deste receio
de te perder
deste mais que bem querer que sinto
deste mal indefinido que me persegue
desta saudade a que vivo todo entregue...

Neste fragmento o eu-lírico expressa a distância do ser amado, do anseio de vê-lo, do medo de perdê-lo. Esse sentimento também pode ser estendido a Angola. Em “O rio da nossa terra” António Jacinto trata do Kiaposse, rio que passa na região de Golungo Alto, município da província do Cuanza Norte, onde está localizada uma importante reserva florestal de Angola. Apesar de sua pequenez, o poeta ressalta seu valor sentimental:

É o maior rio dos rios pequeninosos
há por lá outros no grande maiores
mas é o maior
na grandeza dos sentimentos que o
sentimento tem
de invioladas infâncias

Jacinto parte de sua terra para então pensar o mundo, movimento oposto ao de Agostinho Neto. No mesmo poema isso fica evidente quando o eu-lírico explica:

Kiaposse de doce alumbramentação
terna ternura
tem dentro o inteiro-vivo do Golungo
natural natureza de ser rio
na vida que a vida devém
rio, vida e mistério, nasce no Golungo
na sua modéstia disfarça-se noutros para
chegar ao mar
e chega
e vai longe, tão longe que esfuma em
nenhum a noção de longe
e quando chega à Europa
ou à América
coitados!
chamam-lhe Oceano Atlântico
Elezinho, inteligente, sorri do mundo
e corre todamente lento indiferente no
Golungo.

O modo como o eu-lírico expressa o sentimento de afeto remete a enunciação de uma textualidade oral cujas palavras são adaptadas para descrever a intensa emoção como em “doce alumbramentação”. A hibridação surge com a recriação lexical e a recombinação linguística que resulta e ritmos alternantes, ritmos esses passíveis também de ser visto pela variação da extensão dos versos. O termo “Elezinho” reforça ainda mais o paradoxo grande/pequeno, pois sua grandiosidade está relacionada ao elemento sentimental e não ao físico.

António Jacinto, portanto, ressalta as características da sua terra natal, de seu povo

e de seus costumes pelo olhar de quem a habita. Existe uma relação direta do território na construção da identidade, ou seja, “perder seu território é desaparecer” (HAESBAERT, 2005, p. 4). Assim, é possível percebermos o conceito de “multiterritorialidade”, ou seja, o eu-lírico enuncia de e sobre um espaço físico (Angola), porém pensando na heterogeneidade territorial, no sentido simbólico, que perpassa a construção da nação. A adequação da oralidade em relação à escrita pode ser entendida como reconhecimento desse código para expressar a identidade, bem como denuncia da situação do analfabetismo para determinadas classes sociais, uma das consequências impostas pelo processo de colonização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou apresentar dois modos de apropriação da língua para executar diferentes registros de enunciação textual da cultura angolana. A análise desses poetas nos faz refletir sobre os diferentes conceitos que o termo território pode nos direcionar. Essa reflexão se torna ainda mais rica quando a relacionamos com a ideia de Haesbaert (2005) de que

Numa visão mais tradicional, o lugar, como o território e o próprio espaço, era associado à homogeneidade, ao imobilismo e à reação, frente à multiplicidade, ao movimento e ao progresso ligados ao “tempo”. Uma consciência global do lugar, defendida por Massey, embora não possa ser vista como boa ou má em si mesma, é a evidência de que hoje não temos mais espaços fechados e identidades homogêneas e “autênticas”. Nossas vidas estão impregnadas com influências provenientes de inúmeros outros espaços e escalas. A própria “singularidade” dos lugares (e dos territórios) advém sobretudo de uma específica combinação de influências diversas, que podem ser provenientes das mais diversas partes do mundo. (HAESBAERT, 2005, p. 17).

Essa multiplicidade de construção e/ou apropriação do território pode ser percebida nos poemas apresentados. A visão de António Jacinto e de Agostinho Neto apresenta um descentramento do conhecimento preestabelecido pelo poder hegemônico, o que nos permite olharmos para suas produções sem a dicotomia centro/periferia apesar de a relação estar presente em suas poesias.

Agostinho Neto, relacionado com o grupo de Lisboa, aproxima-se de intelectuais oriundos de outras colônias, para além de Angola e sua poesia demonstrará um universalismo ligado ao pan-africanismo e ao movimento Negritude. Sua preocupação é as condições sociais dos negros e, apesar do uso da língua proveniente do colonizador, utiliza-a de maneira crítica para reivindicar direitos e denunciar as desigualdades.

Em António Jacinto, relacionado ao grupo de Luanda, a enunciação faz-se através de uma geologia que atinge o léxico e a sintaxe e resulta no ritmo da textualidade oral. Sua poesia se alimenta do modernismo brasileiro e possui motivações políticas circunscritas ao espaço de Angola. Ambos os poetas colaboram para a representação da angolonidade com influências provenientes de inúmeros outros espaços e escalas. Isso fica evidente também em relação ao uso da língua portuguesa, pois enquanto Agostinho Neto a utiliza sem o acréscimo de vocábulos regionais, António Jacinto procura inserir em sua poesia termos que remetam a dialetos locais.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. Lisboa: Colibri, 2003.
- VENÂNCIO, José Carlos. **Literatura e poder na África lusófona**. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.